

A AMIZADE NOS EMBLEMAS DE ANDREA ALCIATO

Prof. Doutor Francisco de Assis Florencio (UERJ)

RESUMO:

Pretendemos, com este trabalho, analisar três emblemas da obra *Emblematum Liber* de autoria do ilustre humanista Andrea Alciato. Esta obra não foi apenas a precursora deste tipo de composição, mas também a mais célebre e a mais lida. Do grego *emballo*, a palavra “emblema” já era bastante conhecida e empregada no período clássico e pós-clássico. De seu significado primitivo “atirar”, “botar” e, por derivação, “ornamentar”, resultou em “tipo de trabalho decorativo feito com metal no qual peças de ouro ou prata eram incrustadas em objetos preciosos”. Os emblemas que analisaremos dizem respeito à “amizade”. O primeiro fala da amizade entre uma videira e um ulmeiro; o segundo descreve a relação de ajuda mútua entre um cego e um coxo; o último apresenta as “Graças” e a função que cada uma desempenha.

Palavras-chave: Amizade, emblemas, Andrea Alciato.

THE FRIENDSHIP IN THE EMBLEMS OF ANDREA ALCIATO

Prof. Doutor Francisco de Assis Florêncio – UERJ

ABSTRACT

The purpose of this research is to analyse three emblems in the work *Emblematum Liber* by the illustrious humanist Andrea Alciato. Such work was not only the precursor to this kind of composition, but also the most famous and most read. From the Greek *emballo*, the word “emblem” was already very well-known and used in the classic and post-classic periods. From its primitive meaning “to throw”, “to put” and, by derivation, “to ornament”, it resulted in “type of decorative work made of metal in which pieces of gold and silver were used to form a hard outer covering in precious objects”. The emblems to be analysed are about “friendship”. The first one says of the friendship between a vine and an elm; the second one describes the relation of mutual help between a blind and a lame; the last one presents the “Graces” and the function each one performs.

Keywords: Friendship, emblems, Andrea Alciato.

INTRODUÇÃO

Renomado jurista italiano, Alciato nasceu no ano de 1492, em Alzate Brianza, e faleceu em Pavia, em 1550. Na universidade foi discípulo de Fasani e, depois de formado, ministrou aulas nas Universidades de Bolonha e Pávia. Ganhou fama internacional escrevendo sobre aspectos do Direito Romano, mas o ápice de sua carreira de escritor se deu com a publicação do *Emblematum Liber*.

Escrito provavelmente para ser lido em momentos de recreação e lazer, o *Emblematum Liber* logo se tornou um gênero literário de grande tradição. Quanto à apresentação, embora existissem outras, a forma padrão dos emblemas era a *inscriptio* ou o título, a *pictura* ou a imagem e a *asubscriptio*, na maioria das vezes em forma de epigrama, que descreve ou explica o tema representado pelos outros dois elementos. Esta fórmula padrão fornecia uma representação ideal de um símbolo, o significante, cujo propósito era ocultar bem como revelar o significado. Os emblemas se dividiam em três tipos: o primeiro, seguindo o modelo dos Bestiários, vinha de exemplos colhidos da história natural (físicos ou naturais); o segundo tipo eram episódios retirados de uma fábula ou história antiga (históricos); por fim, encontramos provérbios ilustrados por cenas do cotidiano (éticos).

Os emblemas de Alciato foram bastante influenciados pelos epigramas da Antologia Grega. Na primeira edição dos *Emblemata*, quarenta epigramas vieram da Antologia. Na última edição, editada pelo próprio Alciato (1550), ano em que ele faleceu, já havia quarenta e seis epigramas oriundos da obra grega. Ele mesmo, numa carta a um amigo, diz que compôs um livro de epigramas ao qual deu o título de *Emblemata*. A influência epigramática vem a comprovar o que já se sabia, ou seja, que inicialmente Alciato não tinha a intenção de utilizar gravuras em sua obra.

Quanto à interpretação, os *Emblemata* podem ser apresentados de três formas: a primeira interpretação é a alegórica, ou seja, a ideia é lida através da imagem, do quadro apresentado no emblema; a segunda, tropológica, é a interpretação mística dos símbolos, e, por fim, a anagógica, que é a mensagem expressa no mote.

Os emblemas que aqui serão estudados estão assim divididos: o primeiro relata a amizade entre dois seres do reino vegetal: uma videira e um ulmeiro; o segundo diz respeito a dois seres humanos: um paralítico e um deficiente visual; e o último, abandonando o reino dos seres mortais, conduz-nos ao mundo da mitologia: as três Graças.

Emblema CLX

Amicitiaetiam post mortem durans

Figura 1

Arentemsenio, nudamquoquefrondibusulmum
Complexa est viridivitis opaca coma:
Agnoscitque vices naturae, et grata parenti
Officiireddit mutua iura suo.
Exemploquemonet, tales nos quaerereamicos,
Quosnequedisiungatfoederesumma dies.

TRADUÇÃO

A AMIZADE QUE DURA ATÉ DEPOIS DA MORTE

Uma vide, coberta por folhas verdes, está enrolada num ulmeiro seco por causa da idade e desprovido de folhas. Ele conhece as mudanças da natureza e, agradecido, devolve os mútuos direitos ao seu parente de ofício. Com este exemplo, ele nos aconselha a procurar como nossos amigos aqueles a quem nem o último dia (a morte)separa de um pacto de amizade.

COMENTÁRIOS

O título nos leva a pensar em que tipo de amizade pode ir além da vida. Com certeza não é uma amizade qualquer, baseada apenas em interesses pessoais, mas aquela em que pessoas se dão, se entregam e que consideram o outro tão importante quanto si mesmas.

Quanto à imagem, deparamo-nos com duas árvores: uma videira e um ulmeiro. A primeira se encontra verde, cheia de galhos, folhas e frutos; a segunda, ao contrário, está seca, desfolhada e sem vida.

A videira simboliza o apogeu da vida: o nascimento, o crescimento, a juventude, o vigor; enquanto o ulmeiro simboliza o outono da vida: decadência, velhice e morte. Apesar da grande oposição existente entre elas, a relação de amizade não é quebrada.

A relação de mutualidade entre a videira e o ulmeiro remonta aos primórdios da humanidade. Em lugar de suportes de sustentação, árvores e arbustos eram e são usados como suporte para plantas trepadeiras. Assim os antigos, dizem que já entre os assírios, faziam uso desta prática. Mas foi na Grécia clássica, onde existia até um vinho chamado de *Pteleaikósoinos* (*ptelea* = ulmeiro), que esse costume se popularizou. Entre os romanos, os tratados de agricultura também reforçam essa prática.

As “vices naturae” se referem às fases da vida de um ser vivo, em especial às plantas, no caso da vide, seu apogeu: verde, florida e pronta para dar frutos; no caso do ulmeiro, a decadência: seco, sem folhas e, finalmente, a morte.

Quanto ao “mutua iura”, vale ressaltar a relação de troca entre a vide e o ulmeiro. Enquanto este oferece o seu tronco como suporte de sustentação e crescimento, uma vez que as trepadeiras não conseguem, por si só, ficar de pé, aquela, ao envolvê-lo, devolve-lhe, graças as suas folhas, seus ramos e sua coloração esverdeada, um pouco da beleza e da vida já então perdidas pelo ulmeiro.

Por fim se dá a moral da história. A relação simbiótica entre essas duas plantas serve de exemplo para nós humanos, pois, segundo o texto, devemos buscar amigos que estejam conosco não apenas nos momentos de alegria e riqueza, mas principalmente nas horas de tristeza, de dor, consolidando, assim, uma amizade que nem a morte conseguirá separar.

Emblema CLXI

Figura 2 Francisco

Mutuumauxilium

Loripedemsublatumhumerisfertluminecaptus,
Etsociihaecoculismuneraretribuit.
Quo caret alteruter, concors sic praestatuterque:
Mutuat hic oculos, mutuatile pedes.

TRADUÇÃO

MÚTUO AUXÍLIO

Um homem sem visão leva, erguido nos ombros, um homem com as pernas encurvadas e este retribui, com os olhos, o favor do companheiro. Naquilo em que ambos têm necessidade, cada qual assim se apresenta: um empresta os olhos; o outro, os pés.

COMENTÁRIOS

O título do emblema já nos faz prever que uma pessoa virá em socorro de outra e vice versa.

No que se refere à interpretação alegórica, a imagem é bem clara e não carece de maiores dificuldades: um homem cego, com uma bengala na mão, carregando em seus ombros um homem aleijado. Este empresta seus olhos e aquele suas pernas.

Quanto à interpretação simbólica, os dois deficientes expressam as dificuldades naturais de cada ser humano e a necessidade, na nossa convivência com outros seres humanos, de suprir a necessidade deles, bem como de ver supridas as nossas.

Logo no título, merece destaque o adjetivo *mutuum* que traz consigo a ideia de “reciprocidade”, de “cooperação”, “de dar e receber”. Esta ideia se deve principalmente a sua origem que, como sabemos, vem do verbo *mutāre*, oriundo, por sua vez de *movēre*, “mover”, “ir de um lado para outro”.

Quanto à formação de palavras, destacamos, primeiramente, o vocábulo “Loripedem”, formado a partir de *lorum* + *pes*, ou seja, “acorrentado, preso quanto aos pés”, designando, assim, uma pessoa com defeito físico nos membros inferiores. Já para designar uma pessoa com deficiência visual, o autor se utiliza de uma formação latina bastante conhecida: o particípio *captus* + complemento no ablativo, como no exemplo *mente captus* (em português, “mentecapto”), que significa “tomado quanto à mente”, “louco”, daí *luminecaptus*, “tomado quanto à luz (olhos)”, “cego”.

Emblema CLXIII Gratiae

Figura 3

TresCharitesVeneriassistunt, dominamquesequuntur,
Hincquevoluptates, atque alimenta parant.
LaetitiamEuphrosyne, speciosumAglaiantorem,
Suadela est Pithus, blanduset ore lepos.
Curnudae? Mentis quoniamcandorevenustas
Constat, et eximia simplicitateplacet.
Anquianilreferuntingrati, atquearcula inanis
Est Charitum? quidatmunera, nuduseget.
Additacurnuperpedibus talaria? Bis dat,
Quicidotat: minimi gratia tarda preti est.
Implicitisulniscurvertitur altera? Gratus
Foenerat: huicremanent unaabeunteduae.
Iuppiteriis genitor, coeli de semine divas
OmnibusacceptasediditEurynome.

TRADUÇÃO

AS GRAÇAS

As três Cárites assistem a Vênus, seguem a sua senhora, daí preparam os seus prazeres e os seus alimentos. Eufrosina prepara a sua alegria; Aglaia o seu magnífico brilho e Pito é a própria persuasão, a branda graça de sua boca (Vênus).

Por que estão nuas?

Porque a beleza consiste na pureza da mente e se agrada com uma pequena simplicidade.

Então os ingratos não lhes devolvem nada e, por isso, a caixinha das Graças está vazia?

Aquele que dá presentes ficará nu.

Por que recentemente sandálias aladas foram postas aos seus pés? Dá duas vezes, aquele que dá rapidamente; a generosidade, quando se demora, é de pouco valor.

Por que uma enlaça os braços ao redor da outra?

O agradecido empresta a juros. Duas, tendo uma ido embora, permanecem junto a este.

Júpiter é o genitor delas e Eurynome, do sêmen do céu, deu à luz a estas divas, por todos bem recebidas.

COMENTÁRIOS

Quanto ao título, ele já deixa claro e explícito sobre quem o texto dissertará. O que chama a atenção é o fato de o título está de acordo com a nomenclatura latina e, no decorrer do texto, o autor preferir a forma grega □□□□□□□□ (Charites, Charitum) à forma latina.

No que diz respeito à imagem, vemos as três Graças representadas de acordo com a descrição clássica: três donzelas nuas abraçadas umas às outras pelos ombros. A do meio olha em uma direção e as outras duas na direção contrária. Vale apenas ressaltar a estética renascentista: as mulheres são sempre apresentadas “cheinhas”, de coxas grossas, quadril largo e de região glútea abundante.

No serviço à deusa do amor, cada Graça desempenha uma determinada função. Eufrosina, cujo radical está ligado à “alegria”, coloca nos lábios de Vênus o sorriso necessário para cativar aos seus

amantes e a todos que a contemplam; já Aglaia traz em seu nome a ideia de “esplendor”, “dignidade” e “honestidade”, vindo daí *speciosum nitorem* que acompanha a deusa; por fim aparece a terceira divindade, Pito, que aqui é identificada com Suada ou Suadela, *persuasionis dea*, entre os romanos.

Inicia-se, então, uma série de interrogações que visam, na verdade, a esclarecer algumas dúvidas acerca destas divindades.

A primeira diz respeito ao modo como elas se apresentam: nuas. Isto se deve, primeiramente, ao fato de que a nudez não deve ser vista como algo “sujo”, “impuro”, mas “puro” e “natural”. Em segundo lugar, significa que a nudez deve ser algo “simples”, sem se preocupar com adornos.

Na segunda interrogação, destaca-se o fato de elas se encontrarem sempre desprovidas de bens materiais em razão de estarem sempre dispostas a dar, a conceder.

O terceiro questionamento se refere às sandálias aladas que elas estão usando. Elas representam “a urgência”, “a emergência”, ou seja, quando alguém está necessitado, deve-se ter pressa em ajudá-lo, pois a demora pode trazer maiores prejuízos para o que necessita de socorro.

Por fim questiona-se o porquê de elas estarem abraçadas. A resposta está no fato de que, mesmo que uma se separe, as outras duas permanecerão unidas e “o pacto de amizade” (*benevolentiae foedus*) não será quebrado.

Concluimos este trabalho na certeza de que ele, ainda que não seja inédito e ainda esteja sujeito a análises mais profundas, muito contribuirá para um melhor entendimento do latim renascentista e a influência clássica nele presente, bem como despertar o interesse daqueles que ainda não enveredaram pelo caminho dos textos neolatinos.

Quanto às lições tiradas dos emblemas, destacamos: no primeiro, aprendemos que a verdadeira amizade não termina nem com a morte, pois aqueles que conviveram conosco e nos foram caros devem ser guardados para sempre em nossos corações; o segundo nos ensina que não somos perfeitos e que devemos sempre ajudar e sermos ajudados; o último nos lembra de que devemos, na sociedade em que vivemos, desempenhar da melhor maneira possível a função a nós encarregada, sem nos esquecermos de que as pessoas são mais importantes do que as coisas.

BIBLIOGRAFIA

- ALCIATO. *Emblematum Liber*. Online: disponível na internet via www.mun.ca/alciato/
- COMBONI, Andrea. *Eros e Anteros nella poesia italiana del Rinascimento* : appunti per una ricerca. Online: disponível na internet via <http://italique.revues.org/183>.
- DALY, Peter M. *Literature in the Light of the Emblem*. Canada: University of Toronto Press, 1998.
- RAYBOULD, ROBIN. *An introduction to the symbolic literature of the Renaissance*. USA: Trafford Publishing, 2006.
- SMITH, William & LOCKWOOD, John. *Chambers Murray Latin-English Dictionary*. Great Britain: Cambridge University Press, 1997.